

## : ARTIGO

# Tradições musicais portuguesas

## – na poética da educação e da arte?

**Paulo Ferreira Rodrigues**, *Escola Superior de Educação de Lisboa*

A poesia faz-nos falta. Na vida e na educação. Em memórias da cultura passada que se recorda e reconstrói. Na realidade da cultura que se pratica e em que nos construímos. Para que a criança desenvolva um conhecimento consciente do mundo da música e uma capacidade crítica em relação à música que ouve e à que pratica, necessita adquirir um sistema alargado de valores pessoais e sociais-culturais. Necessita criar estruturas de cognição e de acção artística que se alimentem nas raízes de vivências marcadamente positivas.

Na procura de uma identidade social, desde cedo a criança é levada a valorizar os elementos de cultura que se apercebe serem valorizados pelos adultos que a rodeiam. Agindo por imitação de modelos, procura a confirmação de si mesma perante as outras crianças e os adultos através da tentativa de realização das mesmas acções, da reprodução dos mesmos comportamentos. Deseja integrar-se nas práticas do grupo comunitário.

Da compreensão progressivamente mais profunda de valores estético-culturais e da atribuição de um sentido utilitário às suas acções, a criança elege (num processo natural, ainda que condicionado pelo contexto em que cresce) as práticas que lhe conferem uma identificação individual satisfatória e lhe permitem interagir com os seus pares.

Assim, a cultura pessoal e o gosto (aquele de que se diz não admitir discussões) educam-se nos contornos do que é dado a conhecer à criança desde que nasce – conhecer para poder escolher o que está mais próximo do seu sentir. Sem opções de escolha não há consciência nem liberdade educativa e cultural. A harmonia cultural de uma sociedade cujos membros se identifiquem e reconheçam entre si não exige a apatia da homogeneidade, pelo contrário, apela à diferença em interacção.

Independentemente de contextos educativos mais formalizados ou mais familiares, as intenções de desenvolvimento preconizadas para a criança pelo educador e as experiências de crescimento a que é exposta decorrem dos princípios da filosofia de educação eleita. Neste sentido, da atitude do educador

(não só no que faz mas também no que não faz) pode resultar a (des)valorização de determinadas áreas de conhecimento e de acção. É com base nestes pressupostos que se equaciona a utilização das tradições musicais portuguesas enquanto um dos elementos que pode contribuir positivamente para o desenvolvimento e a educação de bebés e crianças.

É frequente pré-adolescentes e adolescentes ficarem admirados com a existência de uma música tradicional portuguesa que desconheciam ou de que tinham apenas uma ideia vaga e estereotipada. No entanto, quando colocados em situação de vivência contextualizada e bem orientada, descobrem nessa música “estranha” factores de prazer que a potenciam enquanto música do quotidiano. Música que não vem substituir aquela que costumam ouvir, mas que será mais uma referência musical a coexistir com as demais. Porque não começar, então, logo desde o berço? São histórias que pensamos estarem perdidas, guardadas em definitivo noutros tempos. Ou talvez não...

### No mundo adulto – o trabalho e o enamoramento pela vida

Há histórias de que vale a pena guardar memórias. Na viagem que fazem de mão em mão transportam consigo emoções, saberes, formas de interpretar a vida e modos de agir num dia-a-dia comunitário.

As histórias que nascem de um povo são ecos tecidos entre a realidade e a fantasia. Dão corpo a um imaginário colectivo que se reporta a acontecimentos de um passado próximo ou distante (passado, mas não necessariamente ultrapassado). Algumas (des)cobrem-se por detrás da música e da dança expressões individuais ou colectivas que definem diferentes paisagens da geografia humana.

Numa dessas histórias, mulheres e homens cantam durante o trabalho no campo ou em casa, seguindo os ritmos da natureza – na sacha, na apanha da azeitona, na vindima, nas desfolhadas –, modas que sobressaem em vozes solistas sabedoras, que se entra-

nham em polifonias intuitivas, que são conhecedoras dos gestos de cada hora do dia e da noite. Também tocam e dançam nos momentos de lazer (sempre poucos), a céu aberto, no terreiro ou pelas ruas, onde o profano e o religioso se cruzam. De outras vezes entram em casa alheia, em jogos provocatórios ou iniciáticos. Quando as colheitas sazonais terminam, ranchos de gente celebram com música e dança a jorna tão merecida (e tão pequena para tão grande esforço). Regressam depois às suas terras, na esperança de que o ano seguinte seja, se não melhor, pelo menos igual na oportunidade de trabalho. Incertezas que a música faz esquecer por momentos.

Na partilha em grande grupo ou no interior secreto de cada um, a festa da música acontece não porque os dias de sol a sol sejam fáceis e o trabalho leve, mas antes porque juntar as vozes no canto constitui um elo de união na corrente esforçada de mãos que agarram um sonho por dizer e o plantam na terra.

Ao trabalho. Com uma força que se não explica, a melodia forte eleva-se das vozes e parece fazer sombra ao abrasar do sol. O ritmo cadencia os movimentos sincronizados de homens que enfrentam a dureza da terra. Em linhas avançam decididos na conquista de si mesmos – a dança do trabalho coreografada pelo esforço, iludindo a dor e o sofrimento.

Mais que tudo, nesta história a música é a expressão inadiável do enamoramento pela vida, que se contorna com evidências de belo e sedução. É a força de uma comunidade que se renova na energia da festa, no entendimento mútuo e relacional inerente às práticas culturais com que se compromete e através das quais se (re)conhecem.

Gente que se equilibra entre o conflito e a cumplicidade, que atravessa emoções, gente que materializa a sua essência em música – sombra de luz de um sentir.

Histórias que são portas de tempo por abrir, tecidos de padrões humanos cantados, tocados e dançados. São portas que se desvendam na simplicidade de um olhar demorado na planície verde, do caminhar sobre a areia



molhada pelo mar ou do esforço que vence a inclinação pedregosa até ao cimo do monte de onde os sentidos tudo alcançam. Há melodias planas que habitam a paisagem e com ela se fundem. Há paisagens de rios que correm em danças de roda, sons de água solta no ritmo dos reco-recos.

Quando se passa para trás dos montes, a porta abre-se na voz da terra dura, desvenda-se nos cantos de gente com os montes por dentro. Escute-se com atenção e ao longe adivinhar-se-ão cantigas de *segada* por corpos dobrados na ceifa, vozes que marcam a linha do sol cantando a horas certas da manhã, da tarde ou do fim do dia, que acompanham a mutação do cansaço. Sucedem-se cantigas de *malhas* com o labor de paus que batem em vertigem no solo, romances pastoris ancestrais enredados nos dedos que fiam o linho, canções dançadas em movimentos de *passeado*, de *carvalhesa* ou de *murinheira*. De monte para monte, pastores de voz infantil projectam sobre os balidos do rebanho diálogos cantados em cantilenas de *embaular*. Segredos atrás dos montes – apenas uma de tantas portas encostadas pelo vento dos dias.

#### No universo da infância – brincar com música

Das histórias também se pode contar apenas o que nelas há de belo ou de positivo. Serão histórias idílicas a que se retiraram as sombras negras (pobreza, aprisionamento forçado pelo trabalho, crescimento condicionado pelas tarefas do quotidiano). Sombras que não são uma escuridão de cultura, mas uma grande cultura na escuridão.

Serão apenas cenários, ou imagens de passagem – da crença no sonho nascerá a realidade. Vejamos. Crianças saltam de pedra em pedra sobre um rio de murmúrios rasos (pedras a que chamam *poldras* e onde desafiam o equilíbrio e a coragem). Interagem com a textura da terra lavrada, com as cores matizadas das sementeiras, com os movimentos dos animais, com os cheiros que vestem a aragem. Estão junto da música da comunidade e participam livremente.

Aprendem a interpretar as nuances dos sons da natureza, a descodificar significados nos chocalhos do rebanho que se aproxima, do cão que ladra ou na velocidade do vento, a adivinhar a cor dos pássaros pelo seu canto, a sentir o silêncio frio no linho das manhãs por clarear.

Despertam para o canto da flauta pastoril, para as vozes de mulheres que mondam os campos, que tecem as mantas, que embalam o berço, que aquecem a noite de histórias; para as vozes de homens na condução das boiadas, na eira a malhar os cereais, na rusga que passa em frente de cada porta.

Descobrem os ritmos secos de teares num vaivém repetitivo e acentuado, os ritmos circulares da roda de oleiro numa dança de pés, adivinham o acariciar das mãos no barro e o brincar dos dedos no tilintar rápido dos bilros. Crianças saltam à corda com o pulsar da cantilena, nas mãos equilibram pedrinhas que sobem no ar em cadência, com o corpo impulsionam uma malha para longe, fazem rodopiar um pião e imitam o seu movimento até caírem tontas sobre a terra. Cantam jogos de

bater palmas, fazem rodas para ver quem fica de fora, dizem rimas para provocar, galopam pela imaginação num cavalo de pau. Correm velozes atrás do rodar de um arco, calculam os passos a ganhar balanço para o salto a pés juntos sobre o eixo.

Aquela voz familiar que todas as noites canta o romance já decorado mas sempre novo, ou o prazer das vozes experimentadas em cantares ao desafio. Melodias entoadas por homens e mulheres nos enredos da polifonia espontânea.

Ritmos fortíssimos de bombos, adufes vibrantes que competem com as vozes das mulheres sem idade, métricas irregulares, ornamentos melódicos virtuosos, resoluções harmónicas inesperadas, gaitas-de-fole com bordões insistentes, sincopas, anacrusas, tercinas, cordas de guitarras com formas de coração, o fole de um acordeão – música natural de uma comunidade que faz da arte um modo de estar.

Música verdadeira, sem artificialismos banais ou simplicidades redutoras. Uma canção de embalar tradicional não seria apenas uma expressão inocente de linhas melódicas entoadas para acalmar o bebé – traduzia certamente a expressão das linhas do rosto que se inclinava para o berço de madeira, a textura da pele das mãos que o punham em movimento. Quem cantava espelhava na inflexão da voz os contornos de emoções, preocupações, alegrias, receios. Cantavam também para si mesmos, confortando-se pela nova esperança que protegiam e viam crescer. Como negar a vida crua que está por detrás de palavras como: «Nana, nana, meu menino, / qu'á mãezinha logo bem; / foi labar os teus paninhos / à pocinha de Belém» ou «Dorme, dorme, meu menino, / que a tua mãe tem que fazer. / Ela tem muito trabalho / e tem pouco que comer»<sup>1</sup> ou ainda «Quem tem o nome de mãe / nunca passa sem cantar: / quantas vezes ela canta / com vontade de chorar»<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Canções de berço tradicionais "Nana, nana, meu menino" e "Dorme, dorme, meu menino", In Giacometti, M. & Lopes-Graça, F. (1981). *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Circ. Leitores.

<sup>2</sup> Canção de berço tradicional "José embala o menino", recolha oral.

A criança seria indiferente ao sentido das palavras, mas não ao calor dos braços e da voz que a amparava.

### Na imersão cultural – a naturalidade de (co)existir

Na tal história que se recorda (ou que se pretende construir), o desembulhar de cada dia é pautado por manifestações musicais que cumprem funcionalidades próprias. A arte de um povo, mais que factor de contemplação, surge com cariz utilitário – enquanto divertimento de adultos, como entretém de crianças, no paralelismo com as tarefas de trabalho.

É precisamente nesse pragmatismo que enraiza uma importante dimensão educativa – o acto despreocupado que faz coexistir a prática musical com as actividades do quotidiano revela à criança (ainda que não conscientemente ou de forma intencional) um mundo diverso de interacções que potencializam a comunicação através da música.

A música tradicional, quando associada às vivências de uma comunidade, constitui o retrato de um tempo. Como o curso de um rio, o tempo não se detém, escorre por entre as memórias, evapora-se no extinguir de cada onda sonora. Com a água de um rio, novos rios se formam. Com a música de um tempo formam-se novos tempos de música.

A civilização constrói barragens de livros e, mais recentemente, de gravações áudio ou vídeo; forma lagoas de águas calmas onde se pode navegar em busca do tempo vivido. Mas porque o fio do tempo segue sempre o seu curso, transformando as margens que o abrigam, a música tradicional não existe estagnada, reinventa-se continuamente – assim a árvore renova a folhagem, alimentada pela raiz profunda.

As práticas tradicionais de uma comunidade desaparecem quando já não têm um papel de relevo a cumprir. Novas práticas procuram substituir as antigas (nem sempre por necessidade premente, mas porque ao ser humano coube ser insatisfeito e ter desejo constante da procura e da mudança).

Aceitando que a arte desempenha um papel de relevo na educação, será necessário equacionar as perdas e os ganhos decorrentes de mudanças de paradigmas culturais. Nomeadamente na transformação (ou ausência) das práticas musicais. Procurar o equilíbrio, os pontos-chave de confluência de mundos diferentes, será sempre uma importante tarefa do educador – desses mundos imperfeitos haverá perfeições a preservar.

Comunidades em que a criança se integre desde cedo na utilização intuitiva e quotidiana da música potenciam a estruturação de um sentimento de pertença emotiva. Essa mesma música pode ser abordada, noutros contextos, com intenções mais específicas de desenvolvimento musical das crianças. No entanto, a não contextualização no seu meio ambiente, a artificialidade da situação em que essa música possa surgir, constituirá uma barreira que o educador terá de saber contornar.

Muitas vezes, a música tradicional, por razões diversas, fica guardada na memória do tempo, encerrada nas histórias, esquecida enquanto recurso educativo. Por um lado, tal sucederá devido à perda da utilidade pragmática que lhe dava uma razão de ser e a justificava enquanto utensílio funcional para ocasiões específicas. As ideias pré-concebidas e o desconhecimento de uma realidade originam a não identificação com um grupo de pertença, no plano estético ou no plano funcional, e podem reflectir-se numa atitude de rejeição.

Por outro lado, pretender fixar a música tradicional numa expressão imutável (o que é diferente de preservar) resultará numa cristalização contrária à evolução natural que ocorre em qualquer forma de arte – o que importa expressar em cada momento também se altera. Uma prática artística de transmissão oral que não sofra modificações, que seja protegida de influências exteriores, será privada de respiração.

Mais ainda, é frequente canções e danças surgirem com alterações melódicas, rítmicas, de texto ou de coreografia, entre localidades próximas, resultantes de um processo

de transmissão oral e de apropriação (personalização) do objecto de arte por parte de um grupo comunitário. Mesmo o “original” recolhido por estudiosos será apenas uma versão (de entre muitas não recolhidas) de uma tradição popular em constante modificação pelo uso.

Numa outra perspectiva, a difusão de música gravada (que contribuiu para divulgar e colocar à disposição outros géneros musicais) veio camuflar a energia que emanava da música realizada ao vivo, segundo os ambientes próprios, sobretudo quando essa música surgia unicamente em determinadas épocas do ano – tal como a fruta, também a música tinha as suas colheitas sazonais, saboreadas com grande intensidade.

O educador que criteriosamente recorra à utilização de música de cariz tradicional terá fundamentado a sua opção no acreditar que está a dar do melhor à criança. Seleccionar versões com estéticas mais modernizadas ou mais próximas dos padrões tradicionais e diversificará as suas propostas com a incursão noutros ambientes musicais de igual qualidade.

Se é certo que os modos de exteriorizar o sentir emocional, estético e intelectual se vão alterando (numa dinâmica radical ou gradual), também se pode afirmar que as motivações positivas essenciais à génese do ser humano, que lhe estruturam o carácter e o conduzem nas acções da vida, são intemporais e universais nos planos histórico, cultural e geográfico.

### Nas brincadeiras de crianças – a educação informal em música

Através da dinâmica do faz-de-conta a criança que brinca elabora imaginários propícios à percepção gradual da realidade que lhe é próxima. Num processo de manipulação curiosa, a criança experimenta possibilidades de relacionamento com o espaço, os objectos, as outras pessoas, ganhando autonomia progressiva no controlo do corpo e na intencionalidade das suas acções.

Nos pequenos jogos e rimas do repertório da infância (pueris no conteúdo e despreocupa-

dos na acção), podem identificar-se elementos de linguagem musical que, a brincar, a criança vivencia e integra progressivamente no seu comportamento. Nesse sentido, desde que nasce, o bebé poderá ser orientado na exploração de acções motoras direccionadas para uma abordagem do ritmo corporal, de práticas vocais que possibilitem as primeiras experiências melódicas expressivas ou na realização de actividades de audição direccionada.

São inúmeras as situações de jogo que permitem à criança (por si mesma ou com o apoio de um adulto) desenvolver competências de carácter rítmico. As possibilidades de abordagem passam pela percepção sensorial rítmica (o corpo enquanto receptor), pela acção concreta de realização rítmica (o corpo enquanto produtor), pelo movimento corporal sem locomoção (utilização de segmentos corporais sem deslocação no espaço) ou pelo movimento corporal com locomoção (combinação de acções motoras com deslocação no espaço).

O adulto pode balançar o bebé ao colo, num berço ou em cima de um pano, nos joelhos ou fazendo cadeirinha com os braços, às cavalitas ou elevando-o no ar pela cintura.

O bebé pode balançar-se em diferentes direcções (lados, frente e atrás), quer sentado (utilizando a cabeça e o tronco), quer de pé (passando o peso do corpo de uma perna para a outra). Quando deitado, pode agitar os braços e as pernas no ar. Com os pés em cima dos de um adulto (ou ao colo) pode fazer as suas primeiras danças. Dando estalinhos com a língua, fazendo percussão sobre as mãos de um adulto ou no seu próprio corpo pode improvisar ritmos livres.

Quando a criança já domina a locomoção poderá realizar jogos que impliquem a estruturação de ritmos específicos, como galopar num cabo de vassoura, balançar-se num baloiço fazendo movimentos pendulares em diferentes velocidades, saltar com diversas estruturas e acentuações rítmicas de pés.

Nas brincadeiras faladas feitas pelo adulto – tendo por suporte rimas infantis (com maior ou menor estrutura de jogo) – e repetidas

dia após dia, a criança ouve e experimenta possibilidades expressivas da voz falada ou entoada, aprende a conhecer e a utilizar as potencialidades dos seus recursos vocais.

Nos pequenos jogos tradicionais de infância que têm um final inesperado (ou pelo qual já se espera) – quando se simula que a criança vai cair, ou quando se imita o cantar do galo no fim de uma rima, a criança habitua-se a antecipar esse final e, assim, a perceber elementos formais de organização musical.

Nas canções e jogos dialogados entre o adulto e a criança, privilegia-se a utilização da música enquanto factor de comunicação e interacção. O prazer que decorre destas actividades e a afectividade inerente reflectem-se positivamente na receptividade da criança e na vontade de repetir as experiências, o que contribui de forma decisiva para o seu desenvolvimento musical.

Estas actividades são ainda propícias à utilização de onomatopeias, diversas nas componentes sonoras e estimuladoras de uma imitação vocal (rítmica e tímbrica) por parte da criança.

A utilização de rimas infantis com intenções musicais possibilita a exploração do ritmo natural da palavra, mais ou menos estruturado segundo o tipo de prosódia, a pulsação e as acentuações. Associadas a acções específicas – sortear jogadores, contar dedos das mãos ou botões da roupa, beliscar ligeiramente a pele, fazer cócegas –, permitem explorar gradações de andamento (lento-rápido), de altura (agudo-grave) e de intensidade vocal (forte-fraco). Podem ainda ser acompanhadas por ostinatos rítmicos (adequados por serem repetitivos, podendo o adulto realizá-los com palmas ou com um instrumento de pequena percussão) ou servir de pretexto para a criança caminhar na pulsação da voz falada, balançar-se, saltar, rodar.

Massajar rítmicamente a criança com diferentes formas de pressão e em diversas partes do corpo, relacionando essa acção rítmica com as características métricas de uma rima infantil dita com prosódia ou entoada, constitui uma agradável experiência sensitiva de relaxe e de estimulação rítmica.

O recurso à realização de mímica ou ao manuseamento de pequenos objectos (fantoques, panos, imagens, bolas) enquanto o educador canta uma canção, diz uma rima ou faz um jogo infantil, pode ser útil para ajudar a criança a focalizar a atenção no fenómeno musical. No entanto, dever-se-á evitar que essa acção extra-musical se sobreponha à intenção de audição sonora, de produção vocal ou de realização rítmica por parte da criança.

### Conclusão circular – para um (re)início

À criança devemos dar o melhor – de nós, das coisas, do saber, da vida... o melhor da música e através da música.

Ao educador cabe decidir o papel que quer desempenhar na vida da criança – ser alguém que dá mais do mesmo (o que se torna menos) ou alguém que procura modos de fazer e formas de estar que marcam pelo que oferecem em alternativa e em qualidade.

Em educação não há espaço para estagnação ou para voltar atrás. Em educação criamos o que está por acontecer. Acreditando que é a educação que transforma o interior da criança, acreditando no alcance da intervenção educativa através de actividades do domínio da música enquanto arte, poderemos contribuir significativamente para o crescimento interior da criança, para a edificação de bases sólidas e coerentes que ajudem a criança a encontrar a sua forma de relacionamento consigo e com o mundo.

Enquanto veículo de códigos de conduta social e de modos de funcionamento em grupo, as tradições musicais desactualizam-se no tempo – as suas raízes deixam de ter onde beber. Enquanto obra de arte e elemento de cultura, a música tradicional mantém-se eterna e com potenciais educativos inesperados – não deixemos de lhe regar as raízes.

